

O cita nômade como estereótipo na Antiguidade: Heródoto, Hipócrates e a gênese de uma concepção

The Nomad Scythian as a stereotype in Antiquity: Herodotus, Hippocrates and the genesis of a conception

Rodrigo dos Santos Oliveira*

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a gênese do que se entende como o estereótipo cita nômade em autores da Antiguidade Clássica, mais especificamente, em Heródoto e nos tratados hipocráticos. Compreende-se que a etnografia grega foi responsável pela construção de um estereótipo sobre grupos nômades que perpassou todo o período da Antiguidade e foi utilizado tanto para a estruturação de narrativas como para a legitimação de concepções sobre estes grupos. Nossa análise é guiada por dois conceitos-chave: etnicidade fictiva, como teorizado por Étienne Balibar (1991), e estereótipo, de Homi Bhabha (1998).

Abstract: The following article aims to analyze the genesis of what is understood as the stereotype Nomad Scythian in authors of Classical Antiquity, more specifically, in Herodotus and the Hippocratic authors. It is understood that Greek ethnography was responsible for building a stereotype about nomad groups that per passed all the Antiquity and was used both for the structuring of narratives and for the reinforcement of conceptions about these groups. This analysis is guided by two key concepts: fictive ethnicity, as theorized by Étienne Balibar (1991) and stereotype, by Homi Bhabha (1998).

Palavras-chave:

Antiguidade.
Estereótipo.
Heródoto.
Hipócrates.
Nomadismo.

Keywords:

Antiquity.
Stereotype.
Herodotus.
Hippocrates.
Nomadism.

Recebido em: 09/02/2022

Aprovado em: 30/09/2022

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Pesquisa Fronteira, Política e Sociedade, sob orientação da Profa. Dra. Semiramis Corsi Silva. É membro do Grupo de Estudos sobre o Mundo Antigo Mediterrânico (GEMAM).

Introdução

A estepe pôntico-cáspia, parte da vasta estepe eurasiática, foi lar de uma série de grupos de origem nômade e pastoril no decorrer da Antiguidade. Tal região ficou conhecida, na Antiguidade, como os territórios correspondentes à *Cítia*, *Sarmátia* e *Ciméria*, e pode ser delimitada de Oeste a Leste pelo Rio Ural até o Rio Dniepre e, de Norte a Sul, pelo Mar Negro e pelo Cáucaso até o cinturão de florestas da Taiga. Dos citas, na Antiguidade Clássica, aos hunos, na Antiguidade Tardia, um vasto conhecimento foi desenvolvido sobre os grupos que habitavam este espaço e um estereótipo, o *cita nômade*, foi construído, reforçado e ressignificado no decorrer de pelo menos dez séculos de cosmografia greco-romana.

O objetivo deste artigo, no entanto, é analisar a gênese do estereótipo *cita nômade* dentro da tradição literária do Período Clássico, mais especificamente na tradição jônica, através das obras *Histórias*, de Heródoto de Halicarnasso (485-425 aEC), e *Dos Ares, Águas e Lugares*, atribuída a Hipócrates de Cós (460-377 aEC) e aos chamados hipocráticos da Escola de Cós.¹ Não obstante, compreende-se que o estereótipo *cita nômade* é produto direto do conhecimento etnográfico e também do conhecimento médico grego, campos sobre os quais Heródoto de Halicarnasso e os hipocráticos construíram suas respectivas narrativas. Ainda, é importante ressaltar que este artigo não tem como objetivo analisar questões biográficas dos autores, mas sim aspectos de seu texto e das informações apresentadas que tiveram um caráter de permanência no tempo, relacionados à construção de uma narrativa sobre o nomadismo, que perdurou e influenciou autores no decorrer da Antiguidade.²

Como aporte teórico deste artigo, é necessário que se compreendam dois conceitos-chave que dialogam com os Estudos Pós-Coloniais: *etnicidade fictiva* e *estereótipo*. Como etnicidade fictiva, entende-se o que foi proposto por Étienne Balibar. Nas palavras do autor (BALIBAR, 1991, p. 96):

Eu aplico o termo 'etnicidade fictiva' a uma comunidade instituída pelo Estado-Nação. Esta é uma expressão intencionalmente complexa onde o termo ficção, de

¹ Como não se sabe a autoria exata do texto *Dos Ares, Águas e Lugares*, a autoria do texto será referida como "hipocráticos" ou "texto hipocrático".

² A definição de nomadismo entendida para este artigo é a concepção dos autores da Antiguidade, ou seja, o nomadismo era composto por uma série de características que incluíam: a mobilidade, o cavalo, o uso de carroças, a ausência de agricultura, etc. É importante compreender que muitos destes grupos não necessariamente eram nômades da forma que concebe a Sociologia hoje. Muitos dos grupos abordados pela literatura greco-romana eram seminômades ou, aos poucos, tornaram-se sedentários. Sociólogos, como Anatoly Khazanov (1994), compreendem o nomadismo como um método de extração de recursos não-autárquico, ou seja, que depende diretamente da interação com vizinhos sedentários para a obtenção de recursos necessários para subsistência. Segundo esta perspectiva, o nomadismo não deveria, portanto, ser comparado ao sedentarismo, mas sim à agricultura, que é também um método de extração de recursos.

acordo com minhas observações acima, não devem ser tomados no sentido de uma ilusão pura e simples, sem efeitos históricos, mas precisa, do contrário, ser compreendido como analogia com o *persona ficta* da tradição jurídica, no sentido de um efeito institucional, a 'fabricação'. Nenhuma nação possui uma base étnica natural, mas como formações sociais são nacionalizadas, as populações incluídas nelas, divididas entre elas ou dominadas por elas são etnicizadas – isto é, representadas no passado ou no futuro como se tivessem formado uma comunidade natural, possuindo uma identidade de origens, cultura e interesses que transcendem condições individuais e sociais.³

É necessário observar que o conceito, como concebido por Balibar, foi pensado em primeira mão para o contexto do século XIX e para a formação dos Estados-Nação. O eixo deste conceito, todavia, não é o contexto histórico ao qual foi aplicado pelo autor, mas sim a ideia de que as etnicidades são "fabricadas", como informado por Balibar, para que obedecem a uma metanarrativa ou narrativa hegemônica. Para Balibar, quem constrói esta narrativa hegemônica e impõe as etnicidades é o Estado-Nação; para esta análise, a narrativa hegemônica é construída por aqueles que possuíam o poder da permanência no tempo, aqueles que detinham a capacidade de registrar, a escrita, ou seja, gregos e romanos. Como elucidado por Otávio Luiz Vieira Pinto (2016, p. 21):

Ele [Étienne Balibar] postula que identidades culturais (comunidades) são criadas para obedecer a uma narrativa hegemônica, mais poderosa. Em outras palavras, elas são *impostas* àqueles que são identificados ou pertencem a um certo grupo étnico. Elas não existem como um fato dado – diametralmente oposto à ideia de primordialismo – mas são moldados.

A *etnicidade fictiva*, desta forma, postula que as etnicidades são impostas àqueles que são identificados ou pertencem a um designado grupo étnico. Por conseguinte, as diversas etnicidades encontradas na documentação, neste caso da Antiguidade, são uma espécie de "fabricação" da cosmografia grega, no sentido de que foram moldadas, articuladas, para que se adequassem dentro de uma metanarrativa, ou narrativa hegemônica, que buscava explicar e dar sentido ao mundo.

Já o conceito de *estereótipo* utilizado para esta análise foi teorizado por Homi Bhabha (1998). Para Bhabha, o estereótipo é resultado de um processo de diferenciação cultural, que ocorre através da interação entre culturas distintas (em seu caso, colonizador *versus* autóctone). Este processo, contudo, depende de uma noção de "fixidez". Nas palavras de Homi Bhabha (1998, p. 105):

A fixidez, como signo da diferença cultural/histórica/racial no discurso do colonialismo, é um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem

³ Todos os trechos de obras produzidas em inglês foram traduzidos para o português pelo autor do texto.

imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca. Do mesmo modo, o estereótipo, que é sua principal estratégia discursiva, é uma forma de conhecimento e identificação que vacila entre o que está sempre “no lugar”, já conhecido, e algo que deve ser ansiosamente repetido.

Através da apresentação do conceito de estereótipo de Homi Bhabha (1998), faz-se necessário deixar explícito o processo metodológico utilizado para esta análise. Optou-se por ler a documentação por intermédio de uma perspectiva epistemológica pós-colonial. Portanto, compreende-se que as fontes estruturam discursos e reforçam posições políticas e ideológicas, assim como também produzem discursos que definem uma dicotomia entre centro *versus* periferia (civilizado *versus* bárbaro). Para além disso, a própria academia contemporânea se utiliza destas narrativas para criar modos de compreensão que reforçam noções de centro e periferia, projetando, assim, posicionamentos do presente no passado.

Ademais, o estereótipo *cita nômade* funciona, para este artigo, como uma abstração teórica baseada na afirmação de François Hartog (1988, p. 193) de que “citas são nômades, nômades são citas”. Neste sentido, faz-se necessário pontuar que o estereótipo não é a palavra final no que diz respeito aos relatos e descrições produzidos pelos autores da Antiguidade. Através desta perspectiva, o estereótipo é, na realidade, a “palavra inicial”: uma série de características estabelecidas pela literatura e presentes na metanarrativa grega que serviam aos autores como uma forma de remeter os receptores do texto a algo conhecido, estabelecido. A palavra final, portanto, é a historicidade: seus respectivos contextos político, social e cultural, seus objetivos, anseios, etc.

O presente artigo será, por conseguinte, dividido em dois tópicos. O primeiro deles, intitulado “O Crescente Fértil e a tradição jônica como precursores dos relatos nômades”, tem como objetivo explicar brevemente quem foram os citas, sua presença em fontes da Ásia Ocidental e o papel da tradição jônica como precursores nas descrições etnográficas no que diz respeito aos grupos nômades da Estepe Eurasiática. O segundo tópico, por sua vez, intitulado “O nascimento de um estereótipo: Heródoto, Hipócrates e a Cítia”, tem como objetivo analisar as descrições e informações apresentadas pela narrativa de Heródoto e pelo texto hipocrático acerca de grupos nômades e dar um panorama geral sobre as características principais que compõem este estereótipo.

O Crescente Fértil e a tradição jônica como precursores dos relatos nômades

Os citas formaram, entre os séculos IX e II aEC, uma cultura material que se estendeu por praticamente toda a Estepe Eurasiática, do norte do Mar Negro, a Oeste, até a Sibéria, ao Leste. Composta por uma miríade de grupos e etnônios distintos, a cultura

cita influenciou e foi influenciada por diversas outras culturas com as quais interagiu, como os colonizadores gregos dos Bósforo,⁴ o Reino Neobabilônico, o Império Persa Aquemênida e até mesmo a Dinastia Zhou chinesa. A cultura cita pode ser identificada pela temática animal, presente em uma série de artefatos produzidos principalmente através da ourivesaria (ALEKSEEV, 2017). Também são conhecidos pelo uso de tatuagens, pelos *kurbans* (um tipo específico de túmulo) e pelas mulheres guerreiras, base para o mito das amazonas (MELYUKOVA, 1990, p. 97-110).

A presença dos citas pode ser atestada em uma série de documentos do Crescente Fértil devido à sua interferência política na região. São aludidos nestas documentações através de outros etnônimos, como *saka* e *cimério*. De acordo com Muhammad Dandamayev (1992, p. 159):

Os textos babilônios chamam os saka "cimérios" (*gimirraja*), utilizando o nome das tribos que penetraram o Oriente Próximo nos séculos VIII e VII a.C., ou seja, algum tempo antes dos citas. Nas versões persa e elamita das inscrições Aquemênida, as tribos citas aparecem como saka, enquanto nas versões babilônicas, as mesmas tribos são chamadas cimérias. Parece que cimérios e citas (*saka*) são próximos, falavam diferentes dialetos iranianos e podiam entender uns aos outros sem precisar de intérpretes. Era típico da literatura babilônica do primeiro milênio a.C. utilizar nomenclaturas étnicas arcaicas. Em contraste aos babilônios, os assírios distinguiram cimérios e citas.

Presentes principalmente nas fontes babilônicas, afirma-se que os cimérios compartilhavam com os citas uma mesma base cultural, étnica e linguística e que precederam a ocupação cita das estepes (KHAZANOV, 2015, p. 33). Autores como Peter Golden (1992, *apud* D'JAKONOV, 1981, p. 97-99), no entanto, afirmam que cimério não era necessariamente um etnônimo, mas sim uma designação apelativa para um "bando equestre e móvel de nômades da Estepe Ocidental que falavam iraniano".

De volta aos citas, Anatoly Khazanov (2015, p. 34) afirma que, por volta de 670 aEC, eles invadiram a região que atualmente corresponde ao Azerbaijão e formaram o que o autor denomina como Primeiro Reino Cita. Apesar de conflitarem com diversos grupos da região, os citas também trouxeram inovações tecnológicas, como Khazanov (2015, p. 35) elucidada:

⁴ De acordo com Thomas Schaub Noonan (1973, p. 236), a área do estuário do Rio Bug, próxima ao empório de Ólbia, era habitada por uma população mista de gregos e citas. Acredita-se que colonizadores gregos se estabeleceram na região para arar a terra e, no decorrer do tempo, se casaram com citas migrantes. Para além disso, entre os séculos V e IV aEC, artesãos gregos do Reino do Bósforo produziram diversos artefatos para a nobreza cita. Acredita-se, inclusive, que influenciados por seus patronos, artesãos gregos adotaram o estilo animal cita e passaram a representar cenas da mitologia cita em sua arte (ALEKSEEV, 2017, p. 279).

O segundo milênio foi a era das bigas militares no Oriente Próximo. Os últimos reis assírios tentaram apressadamente formar uma cavalaria, mas seus esforços deram resultados tópicos. Soldados assírios do nono século só conseguiam cavalgar em pares, de modo que um cavaleiro controlava ambos os cavalos e o outro ficava livre para utilizar o arco. Cavaleiros individuais só surgiram por volta do século VIII, no entanto, só dispunham da lança. A técnica de controlar tanto o cavalo quanto o arco foi dominada somente no século VII aEC. Comparado aos assírios, medos e posteriormente persas tiveram maior sucesso em adotar armas e técnicas de arquearia cita.

Dandamayev (1992, p. 159), por sua vez, informa que documentos dos reinados de Nabucodonosor II e Nabonido comprovam o uso de equipamentos citas e cimérios pelo exército babilônico. Alguns documentos de Uruk e outras cidades babilônicas mencionam arreios e armamento cita por volta de 564 aEC. Sabe-se também que assírios e babilônicos adotaram o uso do arco cita, considerado tecnologicamente superior. Derrotados por volta de 614 aEC por Ciaxares I, rei dos medos, muitos destes citas se reassentaram a norte do Mar Negro. Há motivos, contudo, para se acreditar que outros citas estabeleceram colônias militares dentro do Império Neobabilônico, como afirmam tabletas da região de Nipur (DANDAMAYEV, 1992, p. 161).

O interesse do Império Persa Aquemênida pelos citas não destoou muito do interesse de seus predecessores neobabilônicos. Os persas, no entanto, dividiam com os *saka* uma origem comum e falavam um dialeto iraniano provavelmente mutuamente inteligível (SAFEI, 2020, p. 67-68). A relação entre citas e persas também está presente na documentação grega, como exemplificado pela descrição de Heródoto (*Historiae*, 7, 20) sobre a presença de citas no exército de Xerxes. Fontes persas como a Inscrição de *Behistun* (BEHISTUN, v. 27-36), que narra a marcha de Dario contra os citas, e a Inscrição de *Naqš-e Rostam*, em que Dario I menciona três grupos citas ("citas amírgios", "citas de chapéu pontudo" e "citas que vivem além do mar"), demonstram o interesse aquemênida em registrar a existência destes grupos.

É, contudo, na literatura grega que se encontram as primeiras descrições detalhadas sobre os citas. Nela, se pode observar a origem do estereótipo cita nômade, um resultado direto do conhecimento etnográfico e médico produzido por autores como Heródoto de Halicarnasso e os hipocráticos da Escola de Cós, e transmitido por etnógrafos romanos, como Diodoro Sículo⁵ (90-30 aEC) e Estrabão (63 aEC-23 EC).⁶

⁵ Diodoro Sículo (90-30 aEC) foi um autor romano de origem siciliana responsável por escrever uma história universal denominada *Biblioteca Histórica*, que cobria desde os tempos mitológicos até 60aEC. Somente quinze dos quarenta livros originais sobreviveram e, apesar de fragmentária, é a mais extensa história de um autor grego da Antiguidade preservada (HORNBLLOWER; SPAWFORTH, 1999, p. 472).

⁶ Estrabão (63 aEC-23EC) foi um autor romano nascido na região do Ponto. É autor da *Geografia*, uma obra composta por dezessete livros e é considerada a mais importante fonte de geografia antiga da Antiguidade. A *Geografia*, nesse

Este conhecimento, por conseguinte, fora herdado de uma rica tradição literária greco-oriental, a tradição jônica.

Sabe-se que há uma ligação entre o texto hipocrático *Dos Ares, Águas e Lugares* e a *Histórias*, de Heródoto, uma conexão que pode ser melhor compreendida através da herança cultural e intelectual de ambos os autores (MCCALLUM, 2014, p. 109). De acordo com autores como John McCallum (2014) e Rosalind Thomas (2000), a virada do século VI para o V aEC foi marcada por uma vívida tradição intelectual grega oriental, ou jônica, de onde Heródoto e os autores hipocráticos ascenderam. Nas palavras de McCallum (2014, p. 111):

O atenocentrismo levou acadêmicos modernos a subestimar a importância da intelectualidade grega oriental na segunda metade do século V. Na visão comum, Atenas era o único lugar onde a atividade intelectual prosperou no momento, enquanto a Jônia estava, desde a conquista persa, em um estado de declínio, causando os remanescentes da "Iluminação Jônica" a emigrar para o Oeste.

John McCallum (2014, p. 111) deixa claro que a perspectiva atenocêntrica assume que o conhecimento de Heródoto sobre filosofia política e natural só poderia ter sua origem em Atenas, quando, na realidade, Atenas era, naquele contexto, apenas um dos pontos de passagem destes pensadores viajantes. Há um conjunto de semelhanças entre a narrativa de Heródoto e o texto hipocrático:⁷ a causa das diferenças étnicas, a perspectiva diametral do mundo, o conhecimento médico e o interesse por grupos como citas e egípcios, para citar apenas alguns. Para McCallum (2014, p. 110):

Se os trabalhos foram compostos independentes um do outro (ou, ao menos, não seguindo diretamente o outro), e ainda compartilham tantos fatos, pensamentos, termos, interesses e teorias, estes devem ter sido correntes na ciência, filosofia e conhecimento grego (oriental). Isto deve ser explicado, contudo, ao olhar de volta para as fontes jônicas da Iluminação Grega do século VI.

Heródoto e os hipocráticos, portanto, pertenceram a esta tradição de pensamento jônico ou greco-oriental, o que pode ser observado, como afirma Jonathan McCallum (2014, p. 109-110), não somente por seus interesses em comum (a geografia, o conhecimento médico, a etnografia), mas também pelo dialeto em que escreveram. Embora culturalmente dórios, tanto a obra *Histórias*, de Heródoto, quanto o *Corpus Hippocraticum* foram escritos em grego jônico (MCCALLUM, 2014, p. 113). Para o texto hipocrático, em específico, há

sentido, é uma extensa e detalhada obra que cobre desde a Britânia, no Oeste, a Cítia, no Leste (HORNBLOWER; SPAWFORTH, 1999, p. 1447).

⁷ Estas semelhanças serão abordadas em maiores detalhes no decorrer do artigo.

conexões já bem estudadas entre o pensamento hipocrático e outras filosofias naturais do século V.⁸

Embora não seja possível afirmar com exatidão a origem das descrições etnográficas sobre os citas, é possível, através do que foi apresentado, ao menos traçar uma hipótese sobre o tema. Os diversos termos, teorias, interesses e pensamentos compartilhados entre os autores deixam como evidência conhecimentos herdados. Não é possível afirmar com exatidão, contudo, se outros autores da tradição jônica desenvolveram descrições extensas e detalhadas sobre os citas ou os egípcios, por exemplo, mas é muito provável que algum conhecimento tenha sido desenvolvido por outros autores da tradição jônica sobre estes grupos.

Ademais, parece mais do que uma coincidência que logo a tradição jônica, característica das cidades-Estado da Ásia Menor, seja a possível origem de conhecimentos etnográficos sobre os citas, as mesmas cidades-Estado que, durante parte do século V, foram ocupadas pelo Império Aquemênida. Teria a tradição jônica uma raiz em conhecimentos advindos das sociedades babilônica ou persa? É bastante provável que sim, ao menos em relação ao interesse e o conhecimento que se tinha sobre os citas, tendo em vista que as *Histórias*, de Heródoto, apresentam os etnônimos *saka* (Hdt., *Hist.*, VII, 20) e *cimério* (Hdt., *Hist.*, IV, 13), etnônimos presentes nas fontes persas, assírias e neobabilônicas. Por conseguinte, os etnônimos *cita*, *saka* e *cimério* possuem formas bastante próximas em outras línguas, como apontado por Peter Golden (1992, p. 46):

Cimérios [Gr. *Κιμῆριοι*, Acád. *Gâmîr(e)*, Arm. *gamîr-k'*, cf. Georg. *gmîrri* "herói"]. O mesmo pode ser dito para o etnônimo *cita*: Gr. *Σκύθαι*, semítico *Ažkuzai*, *Iškuzai*, *Aškenaz* etc. = Iran. *skuda*, *skuḍa* "arqueiro" < Indo-Eur. **skeuta* (cf. Germ. *skutjan*, Alto Germ. Antigo *skuzzo*, Ing. Antigo *scytta* "atirador, arqueiro").

O nascimento de um estereótipo: Heródoto, Hipócrates e a Cítia

Como já mencionado, Heródoto e os hipocráticos herdaram uma série de conhecimentos advindos da tradição literária jônica, que no século VI, passou por uma espécie de "Iluminação Grega". Será abordada, neste artigo, a construção do estereótipo *cita* nômade dentro dos textos de Heródoto e dos hipocráticos, tendo em vista que são os primeiros autores sobre os quais se tem conhecimento, a tratarem em detalhes dos citas e a Cítia. Serão também apresentadas as características que compuseram a construção

⁸Lloyd (1964) possui um ensaio sobre experimentos dentro da medicina e da filosofia natural. Conclui que, diferentemente do que pensou o século XIX, os antigos gregos fizeram sim experimentos (a exemplo de Aristóteles e dos hipocráticos), principalmente em áreas como a Biologia (LLOYD, 1964, p. 50-72).

deste estereótipo e que passaram a acompanhá-lo por todo o período da Antiguidade. As três características principais são: geografia, modo de vida e os costumes contrastantes (em relação aos costumes gregos). Estas características serão, então, exemplificadas através de descrições de Heródoto e dos hipocráticos acerca de grupos nômades analisados no decorrer deste texto. Ademais, devido ao espaço limitado e ao escopo da discussão, não serão abordados importantes autores que sucederam a Heródoto e os hipocráticos na construção do estereótipo, como é o caso dos autores da tradição classicizante da Antiguidade Tardia,⁹ que buscavam, nos textos canônicos da Antiguidade Clássica, uma inspiração para a construção de suas obras.¹⁰

Iniciar-se-á por Heródoto, que dedicou praticamente todo o livro IV de suas *Histórias* para descrever os citas e outros grupos que viviam nos limites do mundo conhecido, nos territórios da Cítia e além. Seu primeiro relato detalhado sobre os citas se referia a Tômiris, rainha dos massagetos (um grupo cita) e responsável pela morte de Ciro, o Grande. Nas palavras de Heródoto (*Hist.*, I, 214):

Lá pereceu a maior parte do exército persa, e o próprio Ciro; seu reinado durou vinte e nove anos. Tômiris preencheu um odre com sangue humano e buscou pelo cadáver de Ciro entre os persas mortos. Quando o encontrou, pôs sua cabeça dentro do odre, e proferiu as seguintes palavras de insulto ao cadáver: “Embora eu viva e tenha te conquistado, tu me arruinastes, vencendo meu filho pela astúcia. Mas eu te avisei que saciaria tua sede de sangue, e assim o farei”. Muitas histórias contam sobre a morte de Ciro. Mas esta que contei é a mais digna de crédito.¹¹

O trecho acima, que relata a astúcia e a vingança de Tômiris, é seguido por um parágrafo que descreve alguns costumes dos massagetos:

Agora, sobre seus costumes: cada homem se casa com uma esposa, mas as esposas são comuns a todos. Os gregos dizem que este é um costume cita, não

⁹ A tradição classicizante foi uma tradição da Antiguidade Tardia marcada por seu elevado estilo literário, que buscava remeter a autores clássicos como Homero, Hesíodo, Tucídides e Heródoto (BLOCKLEY, 1983; BLOCKLEY, 1985). Em contraponto à história eclesiástica em ascensão no século V e que buscou reinterpretar a história através de uma lente cristã e escatológica, a tradição classicizante rejeitava a providência divina como motor histórico e negava qualquer teoria da causalidade que poderia ser rastreada até os deuses (GIVEN, 2014, p. XVII). Ademais, era marcada pelo uso de arcaísmos e termos ultrapassados para o seu contexto, além de referências a etnônimos já extintos, como uma forma de marcar seu estilo. Autores como Eunápio de Sardis (349-c. 404), Olimpíodoro de Tebas (c. 380-c. 425), Prisco de Pânio (c. 410-c. 475), Procópio de Cesareia (c. 500-570), Agátia (536-582), Menandro Guardiã (550-c. 605) e Teofilato Simocata (580-630 EC) conscientemente se enquadravam dentro dessa tradição literária.

¹⁰ Para mais informações acerca da continuidade do estereótipo cita nômade entre autores da Antiguidade Tardia, ler “Da ‘Ira de Arte’ ao ‘Flagelo de Deus’”: uma análise das representações classicizantes e eclesiásticas sobre Átila e os hunos” (2019) e “Entre ávaros e turcos: o estereótipo cita nômade na História de Menandro Protetor” (OLIVEIRA, 2021).

¹¹ Para a escrita deste texto foram utilizadas versões bilíngues (inglês e grego antigo) das obras *Histórias* e *Dos Ares, Águas e Lugares*. Todos os trechos citados foram traduzidos do inglês para o português pelo autor do texto. Contudo, quando julgado necessário, foram cotejadas as versões originais em grego antigo com auxílio do dicionário *The Cambridge Greek Lexicon* (2021).

é. Este é um costume massageta. Lá, quando um homem deseja uma mulher, ele pendura sua aljava no vagão dela e se relacionam sexualmente, sem nenhum impedimento. Embora não definam nenhum termo para a vida, quando um homem se torna muito velho, todos os seus parentes se reúnem e o matam, junto com os animais do rebanho, então cozinham sua carne e se banqueteam nele. Esta é tida como a morte mais alegre. Quando um homem morre doente não se alimentam dele, mas o enterram e lamentam que não pôde viver para ser morto. Eles nunca semeiam, alimentam-se do rebanho e dos peixes que retiram do Araxes. Sua bebida é o leite. O sol é o único deus que adoram, para ele sacrificam cavalos, a razão para isto é que ele [o sol] é o mais veloz dos deuses e por isto o entregam o mais veloz dos seres vivos (Hdt., *Hist.*, I, 216).

O trecho apresenta alguns costumes contrastantes que serão recorrentes em descrições sobre nômades ou grupos da Cítia: canibalismo, uma espécie de prática poligâmica e o sacrifício de cavalos. A narrativa apresentada por Heródoto auxilia seu leitor a criar uma percepção sobre o que são e como viviam estes grupos radicalmente distintos. Nesse sentido, os costumes massagetas também são um espelho dos costumes gregos: o canibalismo era visto como um dos crimes mais severos e a intemperança sexual era um desvio às normas gregas de cuidado do corpo.¹²

Em outro trecho, já no Livro IV, Heródoto apresenta características mais pontuais sobre o modo de vida dos citas:

Não louvo os citas em todos os aspectos, no entanto, neste assunto de grande importância eles surgiram com uma ideia onde ninguém que os ataca pode escapar e ninguém pode alcançá-los se não quiserem ser encontrados. Pois quando homens não têm cidades ou fortalezas estabelecidas, mas todos são donos de casas e arqueiros montados, vivendo não do cultivo da terra, mas da criação de gado e transportando suas moradias em carroças, como podem estes [citas] não serem invencíveis ou inacessíveis? (Hdt., *Hist.*, IV, 46).

O trecho acima é o que apresenta mais pontualmente o que pode ser entendido como um grupo nômade pastoril para a literatura da Antiguidade. Embora o estereótipo *cita nômade*, no decorrer da Antiguidade, tenha como naturalizadas estas características, buscou também sempre as reforçar. São, no entanto, características não necessariamente pejorativas ou depreciativas, mas que reforçam a caracterização do nomadismo: criação de rebanhos, mobilidade advinda da equitação avançada, uso de carroças para locomoção das famílias e a ausência da prática da agricultura. Curiosamente, está presente na descrição de Heródoto um aspecto tático bastante característico do nomadismo, "onde ninguém que os ataca pode escapar e ninguém pode alcançá-los se não quiserem ser

¹² Em sua obra *História da Sexualidade*, vol. 2, Michel Foucault (1984) aborda os usos dos prazeres e os cuidados sobre o corpo dentro do contexto da Grécia Clássica. Neste sentido, de acordo com Foucault, a "dieta dos prazeres" está intimamente relacionada ao saber médico, que vê no excesso de atividades sexuais causa de enfermidades. A temperança era, para os gregos antigos, aspecto importante do cuidado de si e do corpo.

encontrados”, como Gideon Shelach (2005, p. 32) afirmou: “[O pastoralismo] também pode ter sido uma estratégia política contra a pressão militar de vizinhos sedentários poderosos. Mobilidade, especialmente associada a grupos nômades pastoris, pode ser considerada uma forma de resistência política”.

É necessário observar, contudo, que embora estas características não sejam necessariamente depreciativas, elas representavam para os gregos uma antítese ao próprio modo como viviam. A vida nômade, baseada na mobilidade e na movimentação constante pelo espaço da estepe era radicalmente distinta da organização social da *polis*, voltada para a convivência em espaços urbanos. Além disso, a agricultura era vista pela sociedade grega como prática fundamental de subsistência, ausente em comunidades nômades, que dependiam de seus rebanhos e do comércio ou saque de grãos para sobreviver.

Também se faz importante ressaltar que, apesar de muitas das informações apresentadas nas *Histórias* terem sido interpretadas como exageradas,¹³ diversas outras são bastante precisas, levando em conta, é claro, o contexto da produção do texto de Heródoto. Hartog (1988, p. 198) afirmou, por exemplo, que as descrições de Heródoto sobre os ritos funerários dos reis citas são aceitos dentro da História e da Arqueologia como reais. Mikhail Rostovtzeff (1922, p. 44), por sua vez, também esclareceu: “Nosso conhecimento sobre as cerimônias funerárias dos citas nos séculos VI e V a.C., derivados das escavações no vale do Kuban, correspondem bastante com o relato de Heródoto sobre os presentes de reis e príncipes citas”. Heródoto também menciona, no Livro IV, práticas como o sacrifício de cavalos e a confecção de taças a partir do crânio de inimigos derrotados em combate, um costume que, de acordo com Peter Golden (1992, p. 49), também pode ser encontrado entre os xiongnu,¹⁴ os búlgaros,¹⁵ os pechenegues,¹⁶ entre outros grupos nômades. Sobre estas práticas, Heródoto descreve:

¹³ Christopher Kelly (2009, p. 31-32) interpretou a passagem de Heródoto sobre a confecção de taças a partir de crânios (Hdt., *Híst.*, IV, 65) como um exagero narrativo, uma interpretação que vai contra o argumento de Peter Golden (1992, p. 49).

¹⁴ Os xiongnu foram uma confederação nômade originária do platô mongol que, entre os séculos III aEC e I EC, habitou as estepes orientais. São considerados uma das primeiras grandes confederações nômades da história. Na metade século I, a confederação xiongnu foi dividida entre xiongnu do Norte e do Sul. Enquanto os xiongnu do Sul se submeteram como tributários da dinastia Han, o Norte permaneceu independente até seu colapso, na segunda metade do século I, causada por uma série de fatores que envolveram ações diretas e indiretas do governo Han (YÜ, 1990).

¹⁵ Os búlgaros foram uma tribo ogúrica que habitou a estepe cazaque e pôntico-cáspia entre os séculos V e VI. A primeira referência aos búlgaros é de 480, quando serviram como aliados ao imperador Zenão contra os ostrogodos. É bastante provável que os búlgaros tenham sido, no início do século VI, uma confederação de onogures e cutrigures, embora também tenham sido notados como grupos dispersos nas imediações da estepe pôntico-cáspia. Aparecem com certa frequência nas fontes até 491, quando são ofuscados pelos cutrigures. Com a invasão dos ávaros, todavia, búlgaros e cutrigures foram absorvidos e passaram a servir o qaghan Baian (GOLDEN, 1992, p. 104).

¹⁶ Os pechenegues foram um grupo nômade de origem turca-oguz que, entre os séculos IX e X, ocupou o norte do Mar Negro (GOLDEN, 1992, p. 264-270).

As cabeças, não de todos os inimigos, mas dos mais famosos, são tratadas da seguinte maneira: serram o crânio acima das sobrancelhas e limpam-no. Os pobres contentam-se em revesti-lo de um pedaço de couro, sem ornato algum; os ricos não só o recobrem com pele de boi, como o douram por dentro, dele se servindo, à semelhança de uma taça, para beber (Hdt., *Hist.*, IV, 65).

Nesse sentido, a Cítia era, dentro da concepção grega, o lugar do Outro, os limites do mundo conhecido. Nas palavras de Hartog (1988, p. 12), a “Cítia é a terra de *eremia*, uma zona de escathia, um lugar deserto e uma fronteira: um dos fins do mundo. Foi aqui que Poder e Força trouxeram Prometeu para ser acorrentado por ordem de Zeus”. Mas a Cítia também é o lar de muitos povos além dos citas, como os canibais *androphagi* (Hdt., *Hists.*, IV, 106), “comedores-de-homens”; os *agathyrsi*, cujo “relacionamento com as mulheres é promíscuo, para que possam ser irmãos e parentes uns dos outros sem que haja inveja ou ódio de seus companheiros” (Hdt., *Hist.*, IV, 104); ou ainda os *issedones*, que se serviam da carne dos mortos em banquetes-funerais (Hdt., *Hist.*, IV, 26). Grupos com costumes adversos, como explicado brevemente no trecho sobre os massagetas.

É importante notar que há uma correlação entre os costumes e o lugar que se habita no mundo, uma relação que está mais presente no texto hipocrático, como será abordado mais adiante, mas que também pode ser observada no texto de Heródoto. Segundo Hartog (1988, p. 14), John Myres (1986) demonstrou que, para construir suas *Histórias*, Heródoto fez utilização de mapas jônicos. Nas palavras de François Hartog (1988, p. 14):

Estes mapas lidam fortemente com os princípios da simetria: o mundo é organizado simetricamente em ambos os lados do equador que divide o Mediterrâneo, passando dos pilares de Hércules através dos Montes Tauricos por meio da Sicília e de Delfos. Ao norte, é frio; ao sul, calor. Ao norte, coisas são explicadas pelo frio; no sul, pelo calor. Portanto, a contraparte simétrica sul da Cítia é a Líbia ou, para ser mais preciso, o Egito.

A afirmação de Hartog vai ao encontro do que já foi afirmado neste artigo sobre as relações entre a obra de Heródoto e os textos hipocráticos e a influência da tradição jônica na escrita de ambos. Ainda, a simetria entre a Cítia e o Egito, que afetava ambas as regiões, produz sobre elas efeitos diametralmente opostos (HARTOG, 1988, p. 16). Enquanto os egípcios eram o povo mais antigo (Hdt., *Hist.*, II, 2), por exemplo, os citas eram um dos povos mais novos (Hdt., *Hist.*, IV, 5). De forma geral, como afirmado por Hartog (1988, p. 17), a Cítia era uma terra de ignorância, enquanto o Egito, um local de sabedoria anciã.

Enquanto Heródoto se dedicou a descrições etnográficas mais focadas e voltadas para um conhecimento geográfico e, de certo modo, histórico, os hipocráticos voltaram sua narrativa para o conhecimento médico e a filosofia natural. Os interesses de ambos

os autores, contudo, eram bastante similares, como já abordado. Não obstante, o texto hipocrático também traz agregado a si conhecimentos etnográficos e geográficos, mas voltados para outra perspectiva.

Em um tratado denominado *Dos Ares, Águas e Lugares*, os hipocráticos buscaram descrever como as estações do ano, as condições da água, bem como o clima (quente ou frio) e a umidade (seca ou úmida) poderiam afetar o desenvolvimento dos corpos, os comportamentos e propiciar enfermidades específicas, relacionadas diretamente aos quatro humores (bílis negra, bílis amarela, fleuma e sangue). Este tratado pode, por sua vez, ser dividido em três momentos: o primeiro, *Ares*, em que descreve os efeitos dos ventos e da troca das estações nas oscilações comportamentais e na causa de doenças; o segundo, *Águas*, em que os hipocráticos relacionam as condições da água como possível fator para o desenvolvimento de doenças: e, por fim, *Lugares*, onde descrevem etnograficamente alguns grupos e a relação entre geografia, atributos físicos e costumes.

O terceiro momento da obra supracitada é, em grande parte, dedicado aos citas. O trecho XVII se inicia da seguinte maneira: “E na Europa há um povo que habita os entornos do Lago Meiótes, que se difere de outros povos. Seu nome é saurômata” (Hipócrates, *Dos Ares, Águas e Lugares*, XVII). Aqui, uma relação direta com os citas saurômatas descritos por Heródoto (Hist., IV, 21) no seguinte trecho:

Além do Rio Tanais não se está mais na Cítia. O primeiro pedaço de terra que se encontra ao chegar ao outro lado do rio é habitado pelos saurômatas, cujo território inicia no final do Rio Meiótes e se estende a quinze dias de jornada para o norte, e é vazio tanto de árvores selvagens quanto cultivadas.

Os hipocráticos, todavia, possuíam uma relação maior com aspectos da filosofia natural e do conhecimento médico, e buscaram relacionar os costumes e a fisiologia dos citas através da teoria humoral, cujo fator constituinte dessas características é o clima e a umidade, como exemplificado no trecho abaixo:

Darei um testemunho claro da sua umidade [dos citas]. Na maioria dos citas, todos que são nômades, você encontrará seus ombros cicatrizados, assim como seus braços, pulsos, peitos, quadris e lombos, simplesmente por causa da umidade e suavidade de sua constituição. Devido a sua umidade e flacidez, não possuem força para esticar um arco ou arremessar azagaias pelo ombro. Mas quando cauterizam, o excesso de umidade seca de suas juntas e seus corpos se tornam mais fortalecidos, mais nutridos e melhor articulados. [...] Os citas são um povo avermelhado devido ao frio, não através de qualquer feracidade do calor do sol. É o frio que queima suas peles brancas e as torna avermelhadas (Hippoc., *Aer.*, XX).

O texto hipocrático dá continuidade a descrições acerca das consequências causadas pelo excesso de umidade na constituição física dos citas, causador de sua alegada infertilidade:

Uma constituição deste tipo impede a fertilidade. Os homens não possuem desejo por relações devido à umidade de sua constituição e a fraqueza de seu abdome [...]. Ademais, o constante sacudir em seus cavalos é inadequado para o sexo. Estas são as causas para a infertilidade dos homens, nas mulheres é a gordura e umidade de sua carne, que é tanta que o útero não consegue absorver a semente (Hippoc., *Aer.*, XXI).

O excesso de umidade em seus corpos que os fazem *malakós* (moles) também os condiciona a comportamentos que podem ser interpretados como impróprios para o mundo grego, já que, segundo os hipocráticos, os citas são “gordos e preguiçosos” (*Aer.*, XXI) e se tornam, em sua maioria, impotentes e, portanto, “fazem o trabalho de mulheres, vivem como mulheres e conversam como tal” (*Aer.*, XXII). O texto hipocrático deixa claro que a alegada fraqueza dos citas é resultado das condições climáticas da Cítia, uma região fria e úmida:

[...] a Cítia produz poucos e os menores animais selvagens. Pois está próxima do norte e dos Montes Rípeos, de onde sopram os ventos do norte. O sol chega a eles [citas] somente no fim de seu curso, quando alcança o solstício de verão e então os aquece, mas por pouco tempo. O vento que sopra das regiões quentes não os alcança, a não ser raramente e com pouca força. Mas do norte há um constante vento que é esfriado pela neve, gelo e diversas chuvas, que nunca saindo das montanhas as torna inabitáveis (Hippoc., *Aer.*, XIX).

Há diversas semelhanças entre o texto hipocrático e a *Histórias*, de Heródoto, que podem ser explicadas através da tradição literária jônica herdada por ambos os autores. Há claros interesses etnográficos em comum (mais desenvolvidos em Heródoto), assim como conhecimentos médicos contidos na obra de Heródoto (mais desenvolvidos em Hipócrates), como bem apontado por McCallum (2014).

A primeira destas semelhanças etnográficas é a relação de causalidade entre as diferenças étnicas. Heródoto parece ser mais pontual nesse aspecto, já o texto hipocrático desenvolve uma teoria determinista que relaciona geografia, clima, costumes e fisiologia. Ambos os textos deixam claro que o ambiente, ou mais especificamente a *physis*, possuía influência direta na fisiologia e na característica dos povos (MCCALLUM, 2014, p. 94). Todavia, como explicado por McCallum (2014, p. 95-96), tanto a concepção de Heródoto como a dos hipocráticos era de que a *physis* poderia ser subvertida pelas leis (*nomoi*) e o modo de vida (*diaita*). Deste modo, *nomoi* e *diaita* poderiam também afetar as diferenças étnicas e fisiológicas. McCallum (2014, p. 95-96) apresenta dois exemplos: o primeiro deles é a teoria de Heródoto de que os crânios egípcios encontrados em um antigo campo de

batalha eram mais fortes do que os crânios persas porque os egípcios raspavam suas cabeças, enquanto os persas usavam chapéus (Hdt., *Hist.*, III, 12); o segundo exemplo é uma passagem do texto hipocrático em que o autor explica que a causa do crânio alongado dos *cabeças-longas* é devido ao fato de que eles enfaixavam a cabeça de seus bebês (Hippoc., *Aer.*, XIV).

Para além da teorização destes autores sobre as causas das diferenças étnicas, ambos compartilhavam um interesse em comum em relação à Cítia e à região do Ponto, assim como pela Líbia e pelo Egito. Ambos os autores dedicaram extensos parágrafos para descrever a Cítia, sua geografia, seus arredores e seus povos (MCCALLUM, 2014, p. 96-97). Há um interesse bastante característico pelos saurômatas e sua cultura de mulheres guerreiras que, enquanto virgens, cavalgavam, caçavam e lutavam em guerras do mesmo modo como os homens, e não se casavam enquanto não tivessem matado um certo número de inimigos em combate (Hippoc., *Aer.*, XVII; Hdt., *Hist.*, 4, 116-117). Ainda, de acordo com McCallum (2014, p. 97):

Ambos os autores também estão interessados no nomadismo cita, mas dão diferentes razões para ele: o autor de *Ares, Águas e Lugares* acredita que eles se movem para garantir forragem suficiente para seus animais, enquanto Heródoto, [...], vê como uma escolha estratégica. Ambos os autores descrevem o frio extremo como a razão pela falta de chifres nos bois citas. Ambos também mencionam a "doença feminina", em que os citas acreditam ser uma retribuição divina e deixa os homens impotentes, de modo que eles passam a praticar o trabalho de mulheres e são chamados "*Anareis/Enareis*".

Existem também outras descrições compartilhadas entre Heródoto e o texto hipocrático, como é o caso da descrição dos autores sobre o modo como se produz *hippace*, uma espécie de nata feita através do leite da égua (MCCALLUM, 2014, p. 97-98). Do mesmo modo como explicaram a fisiologia e os costumes citas através do clima frio, os autores relacionavam o clima quente com o desenvolvimento da fisiologia e dos costumes dos povos da Líbia e do Egito. Há, como já foi abordado, uma relação direta e simétrica, entre os extremos do mundo habitado. O extremo norte (Cítia e Ponto) e o extremo sul (Líbia e Egito) são, portanto, extremos diametralmente opostos dentro da concepção de mundo presente no texto de Heródoto e dos hipocráticos (MCCALLUM, 2014, p. 99-103).

Assim como o texto hipocrático possui conhecimentos etnográficos em comum com o texto de Heródoto, as *Histórias* também possuem conhecimentos médicos e de filosofia natural que correspondem a conhecimentos encontrados no *Corpus Hippocraticum*. Nas palavras de McCallum (2014, p. 104): "o conhecimento sobre doenças, saúde e medicina implícitos na narrativa de Heródoto coincidem de muitas formas com aquele encontrado nos hipocráticos". Em específico, Heródoto utiliza uma série de terminologias médicas que

demonstram certa familiaridade do autor com a teoria médica hipocrática. Um exemplo disso, como apontado por McCallum (2014, p. 107), é a noção encontrada nas *Histórias* de que a principal causa para doenças é a mudança das estações (Hdt., *Hist.*, II, 77), causa primária para doenças também de acordo com o texto hipocrático (Hippoc., *Aer.*, XI).

Os trabalhos de Heródoto e dos hipocráticos, contudo, não são completamente convergentes. Como McCallum (2014, p. 109) exemplifica, existe uma série de divergências entre pontos de vista variados, como é o caso da divisão continental abordada por ambos os autores. Para o texto hipocrático, o mundo era dividido em dois continentes, Europa e Ásia. Já Heródoto acreditava que existiam três continentes, Europa, Ásia e Líbia. Enquanto o primeiro localizava a fronteira entre Europa e Ásia no Lago Meiótes (Hippoc., *Aer.*, XIII), o segundo considerava o rio Fásis como fronteira (Hdt., *Hist.*, IV, 45).

As diferenças e semelhanças entre os autores, todavia, não explicam por si só o estereótipo *cita nômade*, mas ajudam a compreender o papel do texto hipocrático e da *Histórias*, de Heródoto, na construção desta concepção. O estereótipo é, portanto, uma construção narrativa que traz agregada a si uma série de características e que só garantiu sua permanência através da repetição dessas mesmas características. Como o objetivo deste artigo é trazer à tona a gênese do estereótipo, é necessário que se abordem tais características, que já foram apresentadas.

Três características principais constituem o estereótipo *cita nômade*, e podem ser encontradas em uma série de autores, dos primeiros etnógrafos romanos aos historiadores da Antiguidade Tardia. As três características são: a geografia, o modo de vida e os costumes contrastantes.

A primeira característica, a geografia, diz respeito à Cítia. Evocar o etnônimo *cita* significava evocar a região da Cítia e toda a concepção etnogeográfica.¹⁷ Recordar a Cítia, portanto, também significava rememorar uma série de outras características subentendidas: o frio, a umidade, a intemperança e uma série de outros atributos. Como exemplificado no decorrer deste artigo, a concepção geográfica jônica entendia a Cítia como um dos extremos do mundo habitado: o extremo norte, diametralmente oposto (não apenas geograficamente, mas também em idade e costumes) ao extremo sul, ou seja, o Egito e a Líbia. É nesta concepção de causalidade entre clima e umidade que se justificaram os supostos corpos e comportamentos de uma série de grupos que habitavam o espaço conhecido como Cítia.

¹⁷ A etnogeografia era uma espécie de determinismo geográfico da Antiguidade. É a teoria apresentada no texto hipocrático e também, em menores detalhes, nas *Histórias*, de Heródoto, de que o clima e a umidade afetam o desenvolvimento dos costumes e da fisiologia.

A segunda característica é o modo de vida: o nomadismo. O modo de vida nômade é, neste sentido, uma antítese à forma como os gregos se organizavam socialmente, a vida urbana na *polis*. Uma vida também caracterizada pela agricultura, impraticada por grupos nômades. Quando o nomadismo foi evocado na cosmografia, uma série de atributos também foi trazida à tona: o cavalo, a mobilidade, as carroças, a ausência da agricultura. Embora, por vezes, estas características pudessem estar subentendidas no texto (como é o caso de muitos autores da Antiguidade Tardia), tanto Heródoto quanto o texto hipocrático trazem explícito no decorrer de suas narrativas. Heródoto afirmou que os citas “não têm cidades ou fortalezas estabelecidas, mas todos são donos de casas e arqueiros montados, vivendo não do cultivo da terra, mas da criação de gado e transportando suas moradias em carroças” (Hdt., *Hist.*, IV, 46) enquanto para o texto hipocrático “[os citas] são chamados nômades porque não possuem casas, mas vivem em carroças” e “[...] permanecem no mesmo lugar somente enquanto houver forragem suficiente para seus animais; quando acaba, eles migram” (Hippoc., *Aer.*, XVIII).

Já a terceira característica, os costumes contrastantes, não possuíam aspectos fixos agregados, mas uma gama de atributos diversos que variavam de grupo para grupo. Eram, no entanto, quase sempre apontados. Heródoto apresenta o costume dos citas de inalarem a *cannabis* (Hdt., *Hist.*, IV, 75), a confecção de taças a partir do crânio de inimigos derrotados em combate (Hdt., *Hist.*, IV, 65) e as práticas antropofágicas e sexuais dos massagetas (Hdt., *Hist.*, I, 216). E, como já observado, tanto Heródoto quanto Hipócrates aludiram à prática das mulheres sármatas que, na condição de virgens, cavalgavam e lutavam em guerras e se casavam somente após matar certo número de inimigos em combate (Hippoc., *Aer.*, XVII; Hdt., *Hist.*, IV, 116-117).

Nesse sentido, evocar o etnônimo cita significou, com algumas exceções,¹⁸ aludir ao modo de vida nômade, à região da Cítia e a práticas e costumes distintos, da Antiguidade Clássica à Antiguidade Tardia. É importante, contudo, novamente ressaltar que entender o estereótipo como *cita nômade* é apenas uma abstração teórica, advinda da frase de François Hartog (1988, p. 193): “Citas são nômades, nômades são citas”. Na perspectiva defendida por este artigo, portanto, referir-se ao etnônimo cita na cosmografia greco-romana significou memorar uma série de aspectos que foram construídos por Heródoto, os hipocráticos e a tradição jônica e reforçados por uma gama de autores gregos e

¹⁸ Durante o século III, com ocupação goda da Cítia, o etnônimo cita passou a se referir também aos godos, principalmente por autores eclesiásticos da Antiguidade Tardia. Neste sentido, há uma resignificação do estereótipo neste contexto, onde *cita nômade* se desdobra no estereótipo *huno nômade*. Huno, assim como cita, passa a ser utilizada como uma designação generalizante para se referir a diversos grupos nômades da estepe.

romanos que os sucederam. Não significa, todavia, que estes atributos estivessem sempre presentes ou aludidos dentro do corpo do texto.

Por fim, a construção e a reafirmação do estereótipo dentro da cosmografia greco-romana serviram apenas como uma base para o desenvolvimento de narrativas que envolviam os grupos nômades da Estepe Eurasiática. As nuances, os objetivos, a quantidade de informações, tudo isto dependia de uma série de outros fatores políticos, sociais, culturais e históricos que circundavam o redator do texto histórico. É impossível construir uma imagem e uma concepção unívocas sobre os nômades, é possível, contudo, apontar as características que a cosmografia greco-romana viu, por vezes, inerentes a estes grupos.

Considerações finais

Com este artigo, procurou-se apresentar a origem do estereótipo *cita nômade* dentro da tradição jônica ou greco-oriental a partir, principalmente, da *História*, de Heródoto de Halicarnasso, e do texto hipocrático *Dos Ares, Águas e Lugares*. Através do que foi apontado no decorrer do texto, fica clara a influência da Ásia Ocidental nas produções etnográficas e no interesse de autores pertencentes à tradição jônica pelos citas e outros grupos nômades da estepe, como os saurômatas.

Heródoto e os hipocráticos, como apontado, beberam de uma rica tradição etnográfica e filosófica natural, de onde retiraram diversas concepções sobre geografia, medicina e etnografia, assim como teorizações sobre a causa das diferenças étnicas e dos costumes. Da influência da *physis* na constituição física e nos costumes ao importante papel dos *nomoi* e das *daítai* em subverter tanto os costumes quanto a fisiologia desses povos. As informações que ambos os autores trouxeram sobre o território da Cítia e os diferentes grupos que a habitaram serviram, nesse sentido, como base para inúmeros relatos posteriores. Mais do que isto, concepções como a etnogeografia, muito presente no texto hipocrático, foram reforçadas e se encontraram presentes até, pelo menos, a Antiguidade Tardia.

Ainda, os textos de Heródoto e dos hipocráticos trazem as três principais características presentes em praticamente todos os textos da Antiguidade que trazem descrições sobre grupos nômades: a geografia, o modo de vida e os costumes contrastantes. A Cítia como lugar do Outro, o extremo norte do mundo habitado, o nomadismo como modo de vida antagônico e os costumes que subvertiam normas sociais. O nômade é, como aludido na introdução deste artigo, uma outra faceta do bárbaro, uma faceta, contudo, indomável.

Ademais, faz-se importante ressaltar, novamente, que o estereótipo nunca foi a palavra final no que diz respeito aos relatos construídos pelos autores da Antiguidade, que descreveram uma infinidade de grupos nômades no decorrer de todo o período. O estereótipo, como já afirmado, é “a palavra inicial”, uma cadeia de atributos construídos pela metanarrativa greco-romana que serviam aos autores como uma forma de remeter seus leitores há algo já estabelecido pela literatura. A palavra final era, dessa forma, a historicidade de cada autor: seu contexto histórico, político, cultural e social, sua atuação político-social, seus objetivos e anseios.

Referências

Documentação textual

HERODOTUS. *The Persian Wars: books 1-4*. Translated by A. D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, 1975.

HIPOCRATES. *Air Waters Places*. Translated by W. H. S. Jones. Cambridge: Harvard University Press, 1923.

Obras de apoio

ALEKSEEV, A. *The BP exhibition Scythians: warriors of ancient Siberia*. London: Thames & Hudson, 2017.

AMORY, P. *People and identity in Ostrogothic Italy, 489-554*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BALIBAR, E. The nation form: history and ideology. In: BALIBAR, E.; I. M. WALLERSTEIN. (ed.). *Race, nation, class: ambiguous identities*. London/New York: Verso, 1991.

BHABHA, H. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BLOCKLEY, R. C. *The fragmentary classicising historians of the Late Roman Empire*. Liverpool: Francis Cairns, 1983.

BLOCKLEY, R. C. *The History of Man and the Guardsman*. Liverpool: Redwood Burn, 1985.

DANDAMAYEV, M. *Iranians in Achaemenid Babylonia*. Costa Mesa: Mazda, 1992.

DIGGLE, J. (ed.). *The Cambridge Greek Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. v. 1.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GIVEN, J. *The fragmentary History of Priscus: Attila, the Huns and the Roman Empire, AD 430-476*. Merchantville: Evolution, 2014.

- GOLDEN, P. *An introduction to the History of the Turkic People: ethnogenesis and state-formation in medieval and early modern Eurasia and the Middle East*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1992.
- HARTOG, F. *The mirror of Herodotus*. London: University of California Press, 1988.
- HEATHER, P. *The fall of the Roman Empire: a new history of Rome and the barbarians*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- HORNBLOWER, S.; SPAWFORTH, A. (ed.). *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- KELLY, C. *The end of Empire: Attila the Hun & the fall of Rome*. New York: W. W. Norton & Company, 2009.
- KHAZANOV, A. M. *Nomads and the outside world*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- KHAZANOV, A. M. The Scythians and their neighbours. In: AMITAI, R.; BIRAN, M. (ed.). *Nomads as agents of cultural exchange*. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.
- LLOYD, G. E. R. Experiment in Early Greek Philosophy and Medicine, *The Cambridge Classical Journal*, v. 10, p. 50-72, 1964.
- MAENCHEN-HELFEN, O. J. *The world of the Huns: studies in their history and culture*. Berkeley: University of California Press, 1973.
- MCCALLUM, J. *Understanding the 'other' in an East Greek context*. Ontario: McMaster University, 2014.
- MELYUKOVA, A. I. The Scythians and Sarmatians. In: SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- MYRES, J. An attempt to reconstruct the maps used by Herodotus. *The Geographic Journal*, v. 8, n. 6, 1986, p. 605-629.
- NOONAN, T. S. The grain trade of the Northern Black Sea in Antiquity. *The American Journal of Philology*, v. 94, n. 3, p. 231-242, 1973.
- OLIVEIRA, R. Da "Ira de Marte" ao "Flagelo de Deus": uma análise das representações classicizantes e eclesiásticas sobre Átila e os hunos. In: SILVA, S. C.; VIEIRA NETO, I. (org.). *Mitos, deusas e heróis: ensaios sobre a Antiguidade e o Medieval*. Goiânia: Edições Tempestivas, 2019.
- OLIVEIRA, R. *Entre ávaros e turcos: o estereótipo cita nômade na História de Menandro Protetor (século VI)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.
- PINTO, O. L. V. *Integrating Magna Dacia: a narrative reappraisal of Jordanes*. 2016. Tese (Doutorado em História) – School of History da University of Leeds, Leeds, 2016.

- POHL, W. *The Avars: a steppe empire in Central Europe, 567-822*. London: Cornell University Press, 2018.
- REZAKHANI, K. *ReOrienting the Sasanians: East Iran in Late Antiquity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2017.
- RICCI, G. A. *Nomads in Late Antiquity: gazing on Rome from the steppe, Attila to Asparuch (370-680 C.E.)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Princeton University, Princeton, 2015.
- ROSTOVTZEFF, M. *Iranians and Greeks in South Russia*. Oxford: Oxford University Press, 1922.
- SAFEF, Y. Scythian and Zoroastrian earth goddesses: a comparative study on Api and Ārmaiti. In: NIKNAMI, K.; HOZHABRI, A. *Archaeology of Iran in the historical period*. Tehran: Springer, 2020.
- SHELACH, G. Early pastoral societies of Northeast China: local change and interregional interaction during c. 1100-600 BCE. In: AMITAI, R.; BIRAN, M. (ed.). *Mongols, Turks, and others: Eurasian nomads and the sedentary world*. Boston: Brill Leiden, 2005.
- SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SINOR, D. The establishment and dissolution of the Turk Empire. In: SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SINOR, D. The Huns period. In: SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- SZÁDECKZY-KARDOSS, S. The Avars. In: SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- THOMAS, R. *Herodotus in context: ethnography, science, and the art of persuasion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- WALLACE-HADRILL, A. *Rome's cultural revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- YÜ, Y. The Hsiung-nu. In: SINOR, D. (ed.). *The Cambridge History of Early Inner Asia*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.